



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Balão do Pôrto—Paço de Sousa
Vales do Correio para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun' Alveres—R. Santa Catarina, 628—Pôrto
Visado pela Comissão de Censura

DOCTRINA SOCIAL

Mais duas palavrinhas, das muitas que foram ditas nos postos emissores do Pôrto, em 16 de Dezembro ultimo, a um auditório entusiasmado. São poucas, que os postos eram cinco e a cada um houve de dizer por maneira diferente a mesma coisa, sem me repetir, para não afugentar.

Nem eu teria recursos para escrever de lés-a-lés um jornal que se lê de fio-a-pavio, se não fôra o que vem do Céu, para dizer aos mortais.

Por isso mesmo todos gostam e morrem por mais.

Ouvintes e senhores, que gostais de escutar noticias dos pequenos habitantes das Casas do Gaiato, aqui está a voz daquele padre a quem coube a sorte de procurar o pão deles. Já o ano passado por este tempo dei o recado em todos os postos emissores desta cidade, e hoje faço da mesma sorte, oxalá com identicos resultados. A data não podia ter sido melhor escolhida; estamos no tempo do Natal e somos um povo cristão.

E' muito difficil que não venha a ser mais tarde um revoltado, quem em pequenino se sentiu abandonado. Temos em Paço de Sousa quatro irmãos, cujo Pai está na prisão e a mãe não quiz saber deles. Pois bem. Há dias, surpreendemos o mais velho dos quatro, que não passa dos dez anos, a conversar com um grupo. Dizia ele que quer aprender a arte de serralheiro para comprar uma camionete, ganhar dinheiro com ela, e ir à prisão tirar o Pai. Alguém perguntou-lhe: E que fazes à tua Mãe? Não quero saber dela, pois que nos deixou ficar! Temos observado atitudes semelhantes nos pequeninos que abrigamos. Ora o que se diz da familia, diz-se da sociedade.

Felizmente que em nossos dias esta-se a dar à creança o valor que ela tem. Mas já devia ter sido há mais tempo. E não é ainda toda a gente que lhe reconhece os seus meritos de pessoa humana; muitos há que escorraçam! E não é assim. Não podemos afastar um quinhão que nos pertence. A

rua não pode ser por mais tempo a casa das creanças; os portais, cama; os caixotes de lixo, mesa; as pontas de cigarro, passa tempo. Não pode ser.

Temos obrigação de os defender contra estes males de hoje, que serão os nossos, amanhã. A creança não os sente; não os compreende, mas compreendemos nós, por isso mesmo mais culpados somos.

As Casas do Gaiato, teem respondido a esta grande necessidade universal. Elas teem interesse immediato, sobretudo para a cidade do Pôrto, pois que uma grande parte dos nossos rapazes, vão das ruas desta cidade.

Nada há que mais me faça sofrer, do que observar a estupenda facilidade com que estas creanças furtam em nossas casas. Furtam tudo de tudo. Coisas que lhes prestam e coisas absolutamente inúteis. Escondem nos buracos, enterram no chão. E' espantoso ver como a rua derranca as almas. Teem-se formado pequeninas quadrilhas, dirigidas por um mestre com muita intelligência. Há tantos anos que lidamos com estes pequeninos larápios. Somos teste-

Os nossos rapazes da Casa do Pôrto têm já a sua Conferência de S. Vicente de Paulo devidamente incorporada na Sede, fazem a visita ao Pobre com regularidade e da mesma sorte reúnem aos domingos, em fraterno interesse. A saqueta anda à roda. Ouve-se o tilintar de pequenas moedas tiradas aos vinte e cinco tostões que cada um tem por semana. Conta-se o dinheiro. Relata-se o estado dos visitados; lavra-se a respectiva acta, e sai-se para o quintal brincar, como é dado a homens do seu tamanho. Estes os factos. Vamos à lição. Lição profunda. Fôrça espirital. Valor das almas. De onde vieram estes rapazes? Da montureira. Para onde iam eles? Para a vala comum. Colocados em vida de familia, encontraram o centro. O António Teles, que visita uma familia em S. Nicolau, insta para eu tomar conta de dois pequenos, cuja história se não farta de contar. O Júlio e outros, tomaram de

munha quási diária das suas pequeninas aventuras. Pois muito bem. Parece que a força do tempo e dos actos me devia ter tirado o sofrimento, e não é assim. Cada acção de furto é um novo desgosto.

Quem sabe se não será justamente este estado de alma, que muito concorre para a cura destes filhos de ninguém, pois a verdade é que eles melhoram consideravelmente, e nós não sabemos verdadeiramente a que attribuir.

Já passamos a casa dos cem, todos instalados na nova «aldeia». O ano passado por este tempo, eramos menos de metade e estavamos instalados nas ruínas do antigo convento de Paço de Sousa. Temos caminhado a passos de gigante. A nossa Obra é gigantesca. Ela é palavra nova. Dentro dos muros da nossa quinta, há um mundo novo. E' uma ressurreição. Sacudiu-se a mortalha, como Jesus Cristo fez à Sua, no sepulcro, e implantou-se o sistema do AMOR.

A cidade do Pôrto, que tem sido testemunha do muito que se tem feito, que me ajude agora a fazer mais e melhor.

renda por 80\$00 uma casa, para abrigo de uma viúva que arrastava pelas ruas da cidade os anos e os filhos. Eu mesmo falei com ela. Quando temos dinheiro, dormimos numa casa; quando não, é nos portais. Quem sabe se não teria sido à tua porta, em uma destas noites de inverno, que dormiu

..VICENTINOS..

algumas vezes esta mãe com os seus filhos? Quem sabe!

Agora é sempre em cama de lavado. Os resgatados, procuram resgatar. Esta nota de fazer do garôto da rua um disciplinado visitador de pobres, é toda a fôrça da nossa obra. Não há ninguém que resista. No peditório de um posto emissor, onde se falou deste caso, tais e tantas coisas ofereceram, que os rapazes mobilaram a casa da abandonada.

Uma carta

Uma que se diz pecadora e foi da rua em pequenina, manda 20\$ para a obra: *Se o meu dinheiro pode ser junto aos das pessoas de bem que eu desejaria imitar, aceite-o padre.*

Peça por inim a Jesus, que me modifique a vida, pois sou muito infeliz.

E a carta desta mulher que eu não conheço, nem ela a mim tão pouco, é um desabafo do que foi: *Não tive a felicidade de ter quem me guiasse.*

E' uma nota de alegria cristã: *Ainda bem que há almas generosas no mundo, que salvam creanças perdidas.*

Tenho um filhinho, mas quero criá-lo, para que mais tarde se lembre da sua pobre e infeliz mãe.

Os dramas mais lanceados da vida humana passam-se no coração da mulher, mais por generosidade do que por malícia.

Que ninguém atire pedras! Quem sabe julgar e medir as culpas de cada um?

Não tive quem me guiasse.

A humildade do coração, que não a de condição, faz violência à misericórdia de Deus, e esta mulher declara que deseja imitar as pessoas de bem; é humilde. A caridade não fingida, alegra-se com o bem e esta mulher exulta por saber a acção da *Obra da Rua*;—ama.

CONTINUA NAS PÁGINAS INTERIORES

Aquêle mesmo garôto que pedinchava ontem em vão; hoje pede e é atendido, pela sua dignidade. Pequeninos obreiros do Evangelho, lá vão levados uma vez por semana com a mensagem de Jesus, a casa do Pobre. Qual será o efeito produzido na alma do socorrido, ao sentir-se amado por uma criança... que também se sente amada? Qual o efeito, na alma dos que lêem estas noticias e sabem que são verdadeiras? De quem os vê entrar em soleiras denegridas; de quem com eles conversa no caminho? Coisas que o povo guarda no peito, para dizer baixinho;—*bendito o que o vai em nome do Senhor!*

Nunca se viu em Portugal uma cruzada assim, e contudo, só esta é que verdadeiramente conquistou. E' pelas almas que conquista, não pelas armas. Os nossos rapazes são hoje conquistadores. A nossa Obra, faz apaixonados. Nós somos a aurora dum mundo desenganado. Uma vaga de amor!

**CARTA DA
OBRA DO ARDINA**

Lisboa, Calçada da Glória, 39

Deixámos passar um número do «Gaiato» em silêncio...

Foi falta de tempo para pegar na pena, e, ainda, o silêncio que nos vai na alma em momento tão solene na Santa Igreja e na «Obra do Ardina».

O que foi o «Natal do Ardina», nem sabemos dizer-te. Os nossos rapazes com as suas «madrinhas» percorreram 130 casas de outros ardinas, a quem deram a consoada do Natal e uma camisola quentinha, que mãos amigas (mas... poucas, para tanto ardina que há!...) fizeram chegar às nossas mãos.

Foi como uma bênção de generosidade a entrar em cada casa. Era uma mensagem de Paz, da verdadeira e única Paz!... Doi-nos o coração por não termos podido ir a mais, muitos mais...

No limiar deste novo ano que ora começa, pedimos-te, leitor amigo, mais caridade com o ardina e a sua «Obra». Valeu?

Confiamos em ti que nos ouves e no ardina, para levarmos a cabo a recuperação social de Ardinas que nos propomos.

Ao armarmos o Presépio na Capelinha da «Casa» da Calçada da Glória, notámos que, à medida que iam colocando as imagens na pequenina gruta simbolicamente feita de jornais, os seis ardinas que nos estavam a ajudar iam-se ajoelhando.

Foram eles com a sua atitude, que nos fizeram cair de joelhos diante do Presépio... ardina, a dar graças por tudo com eles e como... eles!... Esperemos que também sejam os ardinas que te convençam às grandes generosidades, aos grandes heroísmos, tão necessários no mundo e é... «Obra do Ardina».

Temos recebido donativos preciosos para o ardina e as suas «Casas», mas estamos na véspera de assumir novas e graves responsabilidades...

De 4.000\$00 habituais de despesa mensal, que vimos conseguindo pagar, só Deus sabe como, vamos lançar-nos em perto de 12.000\$00...

Brevemente será aberta a 2.ª «Casa do Ardina» na R. Dr. Oliveira Ramos, 7. Outras iniciativas se lhe irão juntar, de que um dia destes falaremos. Pôrto e Coimbra não estão sendo esquecidos. No entanto, continuamos a ter só 800\$00 fixos de receita, o que nos deixa num silêncio doloroso perante a expectativa do aumento das despesas...

Até aqui só temos dívidas de gratidão, mas o que será o futuro da «Obra do Ardina» se não houver quem nos ajude fortemente?

Só Deus o sabe, também.

A nossa missão é continuar, continuar no meio das incertezas e lutas, animadas com as certezas de consolações que temos tido, protegendo e defendendo o ardina contra tudo e contra todos, tornando-o um homem de bem, útil à sociedade, ao mundo, a Deus!...

E, agora compreendes bem a razão de ser do nosso silêncio.

É um momento solene.

Esperamos ajuda, mas não sabemos de onde ela virá: Vamos dar um passo em frente, no meio da escuridão que há à nossa volta, mas uma luz de certeza não falta, no meio das incertezas humanas: —Deus. Confiamos, confiamos na

**NOTÍCIAS
DO JORNAL
O GAIATO**

A notícia mais sensacional que tenho a dar neste capítulo, é que Oscar e Elvas empataram por 375 a 375 jornais. Isto quer dizer que a camisola amarela ainda vai às costas do segundo, mas corre graves riscos de passar ao primeiro. O Luciano entregou um envelope com 200\$, esmola não se sabe de quem e despachou 50 jornais com 15\$ de acréscimos. O Zé da Lenha, o tal das muitasre lações no Pôrto, provou bem; vendeu 100 no Pôrto e 33 em Braga, com 60 de acréscimos na primeira cidade. Os vendedores de Braga, não se fartam de dizer bem da terra e dos seus habitantes. Dos eléctricos, é que eles não dão boas informações: andam à vela, diz o Oscar. Teem em cima uma coisa muito grande, diz o Avelino. São muito chalados, é a opinião do Elvas. O Julio é o mais perigoso inimigo dos dois campeões; vendeu 130 jornais e deu 70\$ de acréscimos. Licínio, Bernardino e Fernando, ficaram-se nos 80 e acréscimos muito animados. O Rodrigo, salvou-se pelos acréscimos que a venda, essa foi muito fraquinha: 39.

A venda total no Pôrto e Braga foi de 1741 jornais e os acréscimos subiram a 690\$50, sem falar em 3 novos assinantes que se alistaram e 5 antigos que pagaram as suas assinaturas muito honradamente. Está para acontecer que algum dos nossos vendedores não dê conta dos recados que lhes confiam na rua. Pois muito bem. Confia-lhes tu o teu nome como assinante. Eles costumam ir prevenidos com lapis e papel, para tomar conta. Todos sabem escrever. Assinantes, sim. «O Gaiato» é a voz de uma coisa nova em Portugal. Nós somos a vaga da oposição ao ódio. Inscrevete hoje. Quanto? Não há preços. Quando? Não há tempo. Aonde? Não há lugares. Como? Não há condições.

Quizeram

...os Rotários do Porto entregar 10 contos para a Casa do Gaiato.

Um Rotário, paga todos os anos o prémio do seguro de alguns dos nossos edificios da Aldeia, o que não é brincadeira nenhuma; anda por uns dois contos. Quem sabe se são Rotários, tantos anónimos do Porto que costumam enviar-nos doces falinhas, a dizer que sim!

Providência Divina ao fecharmos as contas de 1945, serenamente, alegremente.

Apresentam elas, dívidas e mais dívidas de... gratidão.

O Saldo no entanto, é positivo de... consolações do trabalho e dos métodos empregados...

O orçamento para 1946, êsse, está apenas cheio de... interrogações e nada mais.

Quem responderá? Quem nos ajudará?

Esperamos, contra toda a esperança, neste começo de ano...

MARIA LUÍSA

**DO QUE NÓS
NECESSITAMOS**

É o rescaldo do Natal. Tãmanha foi a fogueira, que ainda hoje fume! Mais mil escudos de Lisboa. Mais cinco contos de Lisboa. Mais 500\$00 do Pôrto. Mais metade idem. Mais 50\$00 da mesma cidade. Mais 100\$00 de Baltar. Mais 40\$00 de Aguas Santas. Mais uma cx. de sardinhas de Setúbal. Mais de Lisboa para um dos seus filhos de uma mãe. Mais uma camisa de um doente do Sanatório do Outão. Mais um fardo de um tripeiro. Mais de Alijó um saco com 80 quilos de figos. Oh! deliciosas merendas! Mais 20\$ de uma doente do Sanatório de Valadares. Mais 200\$ do Pôrto. Mais 2 contos e meio idem. Mais 20\$ e mais 20\$ idem.

Mais de Lisboa meia dúzia de puloveres feitos à mão, de cores variadas. Que balbúrdia aqui em casa, por causa das côres: Dê-me êste que é do Belenenses! Mais, outra vez de Lisboa, um pacote com 22 peças de roupa de flanela de côr garrida, onde andou trabalho, carinho e bom gôsto. Deve ser coisa de leitoras do nosso jornal. Quem dera mais leitoras assim. Leitoras e leitores que compreendam a necessidade de abrir as entranhas e não ficar sómente no —olha como êle escreve! Pois fiquem sabendo que eu tenho apanhado muita pancada de escritores, por cartas, a dizer mal das liberdades e das atitudes sôbre a sintaxe; muita pancadinha, sim senhor. Se viesse acompanhada de uma esmola, não me fazia doer tanto; assim, pãca e sêca como tem vindo, faz doer. Outra vez da capital um pacote de brinquedos e coisas. Estou admirado com Lisboa; quererá mudar-se p'ro Pôrto?!

Mais do Porto mil escudos. Mais de Lisboa um fardo de bacalhau. Mais de Carcavelos um pacote de roupas frescas e perfumadas, que dá cobiça vê-las, quanto mais usá-las. São concerteza as notícias do nosso jornal que arrancam êstes tesoiros.

Recebi o passe do Caminho de ferro para o próximo ano; muito obrigado, senhor Doutor. O Manuel de Lisboa, cá recebeu a caixa. Entreguei-lha no refeitório, intacta, no meio da imensa curiosidade da malta: que será? Mais 50\$ de S. João da Madeira. Mais 20\$ do Bombarral. Esta terra tem um rol de assinantes.

Mais... um pedido; são escovas de dentes. Aquele lote de 60 que há tẽpos nos veio do Porto e outras peças avulsas de outras terras, —tudo o tempo consumiu. Os lavatórios das novas moradias teem um dispositivo para o copo e escova. Os copos estão, as escovas não.

O Albano Campos veio aqui entregar 500\$ de um amigo de S. Cosme e 1.000\$ ditos de um outro amigo de Famalicão e de três ditos do Porto, 100\$ de cada. Também o mesmo Albano Campos nos entregou tecidos de amigos de Ronfe, Famalicão e Riba d'Ave. Boas festas a todos. Mais 20\$ de visitantes. Mais 300\$ de Lisboa. Quem mandaria para aqui um fogão de sala? Mais de Matozinhos 50\$. Mais do Seixal 100.

Mais no Espelho da Moda 50\$00 e 50\$00 e 100\$00 e 50\$00 e 50\$00 com roupas e 100\$00 e 50\$00 e 50\$00 e 200\$00 e 50\$00 e 5\$00 de selos,—esmolas pequeninas que são tiradas à bõca. Se já dantes era lindo ir ao Espelho da Moda

Uma carta

Continuação da primeira página

O amor dos filhos é preceito do Senhor; amá-los desde o ventre. E esta mulher quer criar o seu filhinho. Pois afigura-se-me não estar longe do Reino de Deus, esta que se diz pecadora. Como o bom Deus escuta, ajuda, santifica os humildes do coração.

—Ninguém te condenou, mulher

—Não Senhor.

—Pois nem eu. Vai e não queiras mais pecar.

Sim. Escute as palavras do Mestre; Estas palavras de Jesus. Só Ele é Mestre!

Rezem os um pelo outro.

A mulher é de extremos.

Se sobe, pode ser Teresa d'Avila. Se desce, não tem nome. De uma vez, na cidade de Coimbra, veio ao meu encontro uma rapariga, braços ocupados com um recém-nascido. Ajude-me, se pode. Um homem enganou-me. Eu confortei. Compuz, e disse-lhe que no amor ao filho havia de encontrar a vida.

A pobre donzela não me escutava, inconsolável: que há-de ser agora de mim! Foi então que eu me virei para a família. Perguntei-lhe se morava longe. Se queria ir para junto da sua mãe. Que não. Mas eu vou na tua companhia.

Não padre. Mas eu peço-lhe que te perdõe. Não meu padre; foi ela que me vendeu! e relatou.

Senhor Jesus, o Humilde e mestre dos humildes; que os homens se vejam no Vosso espelho e nele, por êle, o que verdadeiramente valem e são.

pela simpatia dos que lá estão, que fará agora, com as obras que ali fizeram! Vai ver! Mais piões e mais piões e mais piões por encomendas postais. Uma delas trazia 4 peças de tamanho desmarcado. Tem havido aqui grande balbúrdia porque todos os querem. O Zé Eduardo não me largou enquanto não lhe dei um. Mais uma caixa de vinho: Mais 50\$00 no Banco de Lisboa. Mais 2 contos de Matozinhos. Mais 6 da América do Sul, fruto duma subscrição. Os portugueses que vivem no estrangeiro são portugueses que amam Portugal. Mais 40\$00 do Caramulo. Mais de Lisboa uma navalha de barba com seu pincel. Sim senhor. Muito bem. Já os cá temos na marca. Mais 19 mantas de lã dum visitante do Pôrto, tão quentinhas que demos uma a um pobre. Ele foi-se com lágrimas nos olhos de contente. Nunca vira uma coisa assim!

Mais de visitantes um ror de pequeninas quantias. Grão a grão...

Veio uma camionete do Pôrto com várias peças de mobília que nos ofereceram—êle uma família de Serralves, êle um senhor que tinha a mobília numa casa de leilão e resolveu viesse para a Casa do Gaiato, êle outras famílias noutras ruas da cidade: tudo quer escrever o seu nome na Aldeia dos Rapazes. Nós temos as casas cheias de vidas e pobres de mobílias. Nem tencionamos comprar. Esperamos por mais. Mais 500\$00 de Setúbal. E para terminar êste côro de vozes de que tantos gostam de fazer parte, vai a notícia muito alegre de que já se ouviu por aqui uns zuns-zuns do órgão!

Feliz a pessoa que vai confirmar os zuns-zuns. E mais nada.

NOTÍCIAS DIVERSAS

O Elvas veio agora aqui chamar-me para o refeitório. Vinha de avião. —Isso não é teu! —Pois não; é do Artur, mas eu pedi-lho emprestado para esta viagem.

A CABO de ser chamado para ir muito depressa à cosinha. Eram as pombas. De familiares que são, deram agora em ir ao refeitório por migalhas, e passar pela cosinha. *Estão feitas a nós*, disse o Carlos, com uma delas na palma da mão: *olhe!* Sei o travôr que me espera; dentro de dois anos tenho dezenas de rapazes na casa dos 18 e 19 anos, à minha conta. Porém, esta nossa maneira de educar não tira, mas atenua o mal.

UM dos nossos cosinheiros, sempre que muda de calças toma o cuidado de também mudar a armadilha dos pardais, de que anda sempre munido. Vê-se a haste dela, a sair pela aligeira fora. Um cosinheiro! Um homensinho com responsabilidade de pôr o jantar na mesa a tempo e horas, para cem bôcas; e põe! Há dias, foi ao Pôrto mais eu. Fomos no nosso automóvel. Houve azar. Foi preciso um arame para escarafunchar. Pois serviu a armadilha do Carlos. *Tome*, disse êle ao motorista.

VIERAM chancas para os nossos mais pequeninos, conforme se havia solicitado e com elas os nossos trabalhos. O barulho nos corredores faz tremer. E agora vieram também gaitas de folha, nos brinquedos do Natal. Pior. Muito pior. A esperança que temos, é que êles depressa percam as gaitas!

VEIO aqui agora mesmo o Pôrto ter comigo. Trazia uma arma na mão e vinha fazer queixa do Periquito: que trocou a dele que era muito boa por esta que não presta para nada, *olhe*. E agora não ma quere dar. Esperava o Pôrto, de olhos marejados e beicinho, que eu dermisse. Olha; quem as ata que as desate.

O *Tiroliro* foi ao Pôrto há dias, aviar recados, na companhia do José Maria. Nunca tinha saído de casa, desde que está conôco, a não ser nos primeiros tempos, quando lhe chegavam as saudades da rua. *Chegadinho* é, como se sabe, o inseparável companheiro do *Tiroliro*, e também nunca saiu de casa, a não ser pelas mesmas razões. Pois muito bem. A malta exultou quando soube do *Tiroliro*,

e logo fez côro, para que também fôsse o *Chegadinho*. Era um clamor à minha roda: *deixe, que êle agora já não foge e trabalha*. E *Chegadinho* foi.

EU tinha chegado naquele momento de ver as obras, e dirigia-me para o meu quarto, ver o correio. A porta estava fechada. Abri e dou com o Pôrto sentado na *minha* cadeira, à *minha* mesa de trabalho, com o *meu* jornal aberto. Mal me vê, levanta-se de braços muito abertos: —Eh! sr. Padre Américo; o Pôrto ganhou por onze a zero! A irreverência de quem se sente no que é seu!

FOI no domingo passado. Resolvi ir ao Pôrto no comboio da manhã. Chegado a S. Bento, tomo o 20 para a rua D. João IV, na plataforma da frente, rentinho ao guarda-freio. Junto da nossa casa, seguia a malta a caminho da igreja de Santo Ildefonso, séde da paróquia, assistir à Missa. Um dêles viu-me. Deu sinal. Começa o berreiro. Dois atiram-se para os estribos da frente, contra a regra. O homem do eléctrico pára assustado. Na rua é que foi!

Acode a visinhança às janelas. Os transeuntes, especam. E' que nunca estiveram em Paço de Sousa, quando a gente chega de fóra!

O Zé da Lenha tem-me aqui matado o bicho-do-ouvido a pedir para vender o *Gaiato* no Pôrto. *Ande que eu tenho lá muitas relações*. Deve ter. Ele é dos Guindais! Pois Zé da Lenha foi. Como é muito pequenino, Elvas logo se ofereceu para tomar conta. Vamos ver o que fazem as suas relações.

Fui passar o Ano-Novo à Casa de Miranda. Ao sentar-me para fazer a crónica do que vi e ouvi, dei com os olhos no caderno da Sociedade de S. Vicente de Paulo sobre a mesa. Abri. Na página de *Observações e Factos* referente a Dezembro, leio:

Mandamos reparar os telhados das casas de dois pobres: Para grandezas assim, só o silêncio.

Não digo mais nada do que vi e do que ouvi.

Visado pela Comissão de Censura

NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA

OS NOSSOS POBRES

O Secretário da nossa conferência fez as contas de todo o ano que passou.

Gastaram-se 1.750\$90. No domingo de manhã seis meninos da conferência foram para Coimbra. Levaram 160 broitas cosidas no forno, muitos centos de fruta e uma grande cafeteira com café, distribuíram pelos doentes do Hospital dos Lázarus, retribuíram todos contentes palavras de agradecimento.

A última reunião demos volta a tôdas as sacas para reunirmos tôdas as peças de roupas disponíveis. Cada um dos confrades via se podia arranjar melhor roupa para os seus pobres. Demos muitas aos que mais precisavam e 20\$00 a cada um.

O dia de Natal foi de grande festa. A' meia-noite tivemos missa do galo, cantada solenemente pelos gaiatos.

No fim da missa foram todos ver o Presépio que estava iluminado e todos beijamos o Menino Jesus.

Em seguida viemos para a sala onde nos deram velhozes. Que todos os nossos assinantes tenham também muito Boas-festas.

Na segunda-feira à noite chegou o Snr. P.º Américo. Trazia a bola pela qual suspirava-mos com muita ansiedade. Antes disso tinha-nos mandado uma caixa de piões de Paço de Sousa. Que alegria! A primeira notícia que êle ouviu foi dizerem-lhe que tinha nascido um cordeirito. A nossa maior alegria foi a da vinda do Snr. P.º Américo mas a seguir foi a bola visto êle no-la ter prometido e disse que nos vinha ver jogar com ela. A' noite deu-nos os chocolates que trazia sabiam a pouco. De manhã disse ao Snr. Joaquim que havia de man-

dar à estação buscar uma caixa de vinho do Pôrto para nós bebermos e comeremos arroz doce. Nós temos pena que êle esteja cá tão pouco tempo junto de nós. Em nome de todos os gaiatos agradecemos ao Snr. P.º Américo de nos ter trazido a bola. Vai-se amanhã embora. Viva o Snr. P.º Américo.

No outro dia matamos um dos nossos suínos que cá tínhamos. Quando estavam na cosinha a fazer turremos o Caréquita foi lá ao cheiro veio logo cá para fora a

gritar em alta voz: Atenção! Muita atenção! Amanhã ao almoço temos, *rogérios*.

O Tónio e o Rui são os franginitos da casa. Há dias estavam ainda na cama e começaram a discutir. O' Tónio tu não tens pai. Eu tenho, tu é que não tens. Tenho pois eu fui vê-lo amanhã! Não fôste nada eu é que vou. Mas o Tónio é que começou a zangar-se sem saber como havia de provar que tinha pai e então começou a chamar-lhe nomes. Ruizão! Sancho

Pança respondeu o outro! Sobreiro come tripas de carneiro! Galgaram ambos fora da cama e começaram à bulha. Nisto veio a Senhora deu uma palmada a cada um e tudo soceçou.

O Alvaro rapaz que o Snr. P.º Adriano trouxe da cadeia tem-se portado muito bem. Por isso foi visitar a mãe. Quando voltou pediu para deixar vir para cá um irmãozito. Logo que haja vaga irá de novo à Figueira da Foz para trazer êsse irmão que anda perdido pelas ruas da cidade.

CANTINHO DOS RAPAZES

Meus filhos: Nunca é de mais falar da doutrina da boa consciência, porque é precisamente nesta idade que cada um de vós deve esforçar-se por achá-la dentro de si mesmo. Se o não fizerdes agora, é muito difícil que mais tarde o venhais a fazer. Já vos tenho contado aquêles caso de dois rapazitos que estavam a namorar uma árvore de fruta, assim como quem desejaria botar-lhe a mão. Alguém que passava disse-lhes: *andai, colhei*: Os dois rapazes responderam: *não podemos*. O tal homem não era o dono da árvore. Foi um mau conselheiro dos rapazes. Não tinha boa consciência. Mas tinham-nos aconselhado: *Não podemos. Não é coisa nossa*. Ora assim é que é.

Nós temos muita fruta nos nossos campos e muitas coisas do vosso agrado, nas nossas casas. Se alguém vos aconselhar a tomar para si uma coisa ou outra, não é amigo. E' um mau conse-

lheiro. Não tem consciência. A um tal, deves responder como fizeram aquêles dois moços: *não podemos*. E se atemarem contigo e disserem: *anda, que ninguém vê*, — tu dirias na mesma: *não posso*. *A minha consciência diz-me que não, e ela é a voz de Deus*. E' artigo de fé, e verdade eterna de que o nosso Bom Deus premeia e castiga consoante as nossas acções. Deus é remunerador. Isto não é meter medo a ninguém, como se faz com o *papão*, às criancinhas. E' uma verdade viva. Se tu viveres desta verdade, asseguro-te desde já o pão de cada dia. Não faltará no Pôrto ou noutra terra, quem deseje os teus serviços. Quanto não vale e como é bem estimado um rapaz de boa consciência?!

PÃO DOS POBRES

E' o livro que o Padre Américo escreveu e que se encontra há venda em tôdas as livrarias de Portugal.

Eu estou muito contente porque êste ano, têm sabido respeitar a nossa fruta de inverno. Bem sabeis que o ano passado não foi assim. Os deauspiros e as laranjas, foram somente para meia dúzia de vós, que ainda não sabiam o mal que faziam, tomando tudo para si e deixando os irmãos sem nada. Era falta de uma boa consciência. Este ano não sucedeu tal. Ora dizei-me: Não é mais doce ver as merendas de deauspiros para todos, como o Inácio as tem dado? Ver o Zé Maria ir colher a deliciosa fruta à luz do dia, como um dever que se cumpre e não uma falta que se comete? E que dizes dos nossos mais pequeninos: o Artur, o Pretita, o o *Palhaço*, tantos são êles que nem cabem aqui! Que dizes da alegria de cada um, a trincar o seu pômo de ouro, — que tu o ano passado tinhas comido, sozinho, indevidamente. E' que não tinhas ainda a consciência que hoje tens. Pois louvemos o Senhor.

ANO II
 Radiação, Ar
 Vales
 D
 Mais
 a pale
 um do
 E' ser
 o veno
 PEÇO
 ME AJ
 deiras
 foi há
 uma
 Anunc
 cia». V
 ferente
 de ped
 Owi
 posto e
 novida
 do Ga
 mente
 nosso
 dizer
 Obra,
 data e
 noticia
 A n
 Paço a
 por me
 foram
 dincha
 felizes,
 Temos
 funcio
 durant
 para o
 gações
 Os no
 mesmo
 vivem
 mos de
 casas
 ALDE
 ontem
 apreci
 vivend
 tas de
 res na
 Ningu
 nas ca
 Há m
 não se
 fundar
 educaç
 em ple
 são v
 vacas
 alimer
 bram,
 linho,
 coelhu
 de toi
 dado



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Gaiato do Pôrto—Paço de Sousa
Vales do Correio para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628—Pôrto
Viado pela Comissão de Censura

DOCTRINA SOCIAL

Mais o relato do que foi a palestra daquele dia a um dos postos emissores. E' sempre a mesma coisa; o veneno vem na cauda: **PEÇO AO PORTO QUE ME AJUDE.** São as derradeiras palavras. Já assim foi há dias em Setubal e uma vez na Covilhã. Anuncia-se a «Conferência». Vai-se escutar o «Conferente» e sai um pobre de pedir!

Ouvintes desta hora e deste posto emissor, não vos trago novidades ao falar da Casa do Gaiato do Pôrto, sobejamente conhecida em todo o nosso Império, mas sim quero dizer quanto temos feito na Obra, desde o ano passado, data em que aqui viemos dar notícias.

A nossa comunidade em Paço de Sousa, já é composta por mais de cem rapazes, que foram ontem vadios da pedincha e encontram-se hoje felizes, no goso da sua herança. Temos três escolas em pleno funcionamento, sendo duas durante o dia e uma de noite, para os nossos que teem obrigações nos trabalhos agrícolas.

Os nossos professores são ao mesmo tempo educadores e vivem na comunidade. Habitamos desde há pouco tempo as casas novas da nossa grande ALDEIA e o lixo humano que ontem era das entulheiras, aprecia hoje a beleza das suas vivendas, onde há camas feitas de lavado e jarras de flores nas mesas, tudo obia deles.

Ninguém diga que há luxo nas casas da nossa «aldeia». Há mas é beleza. Sem beleza não se pode educar. O belo é fundamento de uma solida educação. A nossa quinta está em plena cultura. Os prados são verdes e pujantes. As vacas leiteiras são alegria e alimento. Os pequeninos vibram, quando nasce um vitellino, um cordeiro, leitões, coelhos. E gostam muito de tomar à sua conta o cuidado das capoeiras e dos pin-

tainhos. E' a vida a comunicar-se à vida. E' fonte de transformações que se operam hora a hora na alma destes que foram farrapos. E' um erro supor-se que a educação dos rapazes da rua está tôda nos compendios e nos metodos. Não está não senhor. Está na vida plena, no contacto directo com as coisas da natureza, escada por onde se sobe até Deus. Uma simples espiga de milho, um fruto pendente, um canteiro de flores, um neneno regato, coisas estas que nunca viram, são agora páginas que os ilustram. Tudo isto é a nossa aldeia. Isto é a nossa vida. Isto, o nosso metodo.

Também hão-de gostar de ouvir que já estamos instalados na rua de D. João IV 682, nesta cidade do Pôrto. E' a nossa sucursal. E' destinada aos deles que fizeram o seu noviciado nas casas de campo e estão aptos agora a pisar as ruas. Trabalham de dia nas fábricas e escritórios e à noite, frequentam as escolas. Segue-se ali o mesmo sistema que temos implantado nas casas de Paço de Sousa e de Miranda: é obra de rapa-

zes, para rapazes, pelos rapazes. E' ele que comanda.

Temos, ainda, o nosso jornal que sai todos os quinze dias com grande aceitação do mundo. O Gaiato, como o jornal se chama, é a menina dos olhos de todos os nossos. São eles que o vendem no Pôrto e Coimbra e Figueira e Braga e mais vilas de Portugal. Há três cronistas que ali escrevem, na sua graciosa maneira de ver e de compreender as coisas. São eles, ainda, que o despacham para a estação do correio. Os rapazes sabem e sentem que tudo é deles, e daqui nasce que a tudo chamam nosso.

Vamos principiar o edificio das escolas, feito de raiz para esse fim. E' preciso incutir nestes rapazes tedio pela desgraça que é o não saber ler. E' necessario que eles compreendam e vejam nisso um verdadeiro aleijão. Para isso, não nos poupamos a sacrificios. Vamos lançar a primeira pedra do edificio. Custa algumas dezenas de contos. Mais custa a vergonha do analfabetismo. Espero que o Pôrto me ajude.

JUSTOS CLAMORES

Tinha-se rogado a meia duzia de entre os operários que trabalham na ALDEIA, que fizessem algumas horas extra tempo com o fim de abreviar uns serviços. Eram carpinteiros. Deu-se-lhes a ceia. Carlos e Constantino, que são os nossos cozinheiros, quizeram servir. Era caldo de cebola, massa e arroz. Bora à vontade e uma infusa de vinho. Comeram e comeram. Eu quiz saber do segrêdo do nosso caldo.

—E' muito bem adubado, disseram.

—Mas não é nada especial, disse eu.

—E' muito bem adubado. Nós em casa não temos adubo. O azeite não dá para nada. Nunca se come um caldo assim!

São trabalhadores de 9 e mais horas por dia. Ele é costume ralhar-se de todos e de tudo, quando falta o pão, mas nunca se chega a saber aonde está a razão. Em vez de falar, é melhor fazer.

Se estes trabalhadores com a sua jórna assegurada, não tem caldo adubado, que seria sem ela?! Por isso me não atrevo a despedir nenhum. Trabalham nas nossas obras, desde Maio de 1943, uns cento e vinte homens, todos destas redondezas. Quando me dão insonias e com alas, o mêdo que me falte o dinheiro, eu sinto no meu estomago o "caldo mal adubado" com que esta gente se engana, e vou por aí abaixo pedir adubo. Despedi-los, havendo trabalho para eles, nunca. São meus irmãos. Eu também não gostaria que me despedissem. Não falo; não falta quem o faça. Faça, que há menos quem.

Na caixa do correio



Eis uma cartinha de ternura, que se retirou. Dizia no envelope «Casa do Gaiato» trazia as letras P. M. P. Foi o próprio que o lançou na caixa.

Um grupo de meninos desta rua de D. João IV, resolveu cantar, ao dia e Ano Bom, as «Janeiras», e assim, obtiveram das pessoas grandes de sua família, na sua rotatividade, para os «pequenos», que a «Casa do Gaiato», da sua rua abriga carinhosamente no seu seio.

«O Grupo cantor do dia 1».

A carta é irrepreensível quanto à forma. A pontuação, exacta. A letra, boa de lêr. Assim escrevesse eu! Mas o que sobremaneira interessa é o que ela narra. A creança é admirável! Vive. Sente. Quere dar-se. Esta carta há-de ser lida e comentada em comunidade. Havemos de explicar a estes nossos, por palavras ao seu alcance, que a categoria social não quere dizer afastamento. E se não é ver como o «cantor das janeiras» está tão próximo de nós, sendo altos pela sua categoria.

Caixas do correio à porta, são, por vezes, lugares sagrados, onde almas entregam seus votos. A nossa é assim.

Em Março de 1920, faleceu no hospital do Carmo um sacerdote, que levou uma vida inteira ocupado em distribuir, esquecido de si mesmo. Foi apanhado pela doença, sem vintem. Esteve uns mêses de cama naquela casa de saúde.

A caixa do correio, à porta do sacerdote pobre, foi o lugar onde as contas se saldaram. Pagou-se tudo, funeral inclusivé, e sobrou um conto e seiscentos mil reis, como naquêlo tempo se dizia e era. «Olha as aves do céu, que não semeiam nem tecem e o Pai Celeste dá-lhes de comer; vós sois mais do que passarinhos!»

Não basta esta promessa?